

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ESCRAVOS, JORNAIS E PROPAGANDA: O Piauí Na Rota Da Escravidão De 1848-1885¹

História, Cidade, Memória e Trabalho

Anderson da Silva Machado²

Universidade Federal do Piauí-UFPI

andersonmachado.789.e@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como proposta de pesquisa, analisar os anúncios de escravos em jornais que circularam no Piauí de 1848–1885. Para tanto, partiremos dos periódicos: (A Imprensa: periódico político de 1865-1885, A Opinião Conservadora: de 1874-1876, A Voz da Verdade: jornal político, literário e comercial de 1849, O Escholastico de 1849, O Governista de 1848, O Piauhy de 1869-1873, A Epoca: órgão conservador de 1878-1879). Essa pesquisa propõe identificar através da análise dos discursos, o contexto escravagista que estava instaurado no Piauí oitocentista. Partindo dos jornais citados, pensaremos que relações eram desenvolvidas entre senhores/escravos. Nessa perspectiva, analisaremos os anúncios como espaços de representação da imagem do negro. As bases teóricas dessa pesquisa estão fundamentadas em: Freyre (2012), Lima (2018), Sousa (2014), Brandão (2014), Chaves (1998), Costa (1998), dentre outros não menos importantes.

Palavras Chave: Jornais. Escravidão. Discursos.

ABSTRACT

This article has as a research proposal to analyze slave advertisements in newspapers that circulated in Piauí from 1848 to 1885. To do so, we will use the following periodicals: (The Press: political periodical from 1865-1885, The Conservative Opinion: from 1874-1876, The Voice of Truth: political, literary and commercial newspaper from 1849, The Scholastico from 1849, The Governista from 1848, The Piauhy from 1869-1873, A Epoca: Conservative organ from 1878-1879. This research proposes to identify, through discourse analysis, the slavery context that was established in nineteenth-century Piauí. Starting from the cited newspapers, we will think that relations were developed between masters/slaves. From this perspective, we will analyze advertisements as spaces for representing the image of black people. The

¹ Este texto são discussões que estão sendo realizadas em torno do projeto de pesquisa intitulado: Escravos, jornais e propaganda: o Piauí na rota da escravidão de 1848-1885, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro, no PPGHB/UFPI.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – UFPI. Bolsista da CAPES/Demanda Social.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

theoretical bases of this research are based on: Freyre (2012), Lima (2018), Sousa (2014), Brandão (2014), Chaves (1998), Costa (1998), among others no less important.

Key words: Newspapers. Slavery. Speeches.

INTRODUÇÃO

Três séculos de escravidão negra no Brasil deram origem a várias pesquisas historiográficas que buscaram e buscam pensar as múltiplas nuances do sistema escravagista. Buscamos aqui compreender, um pouco dessa história e delinear a participação do cativo na sociedade piauiense, sobretudo, porque na maioria das vezes, o que ficou registrado nos documentos foi o silêncio desses sujeitos. Nosso lastro documental utilizado está registrado nos anúncios de fugas, vendas, alugueis, de escravos nos seguintes Jornais: (A Imprensa: periódico político de 1865-1885 e Órgão do Partido Liberal, A Opinião Conservadora: de 1874-1876, A Voz da Verdade: jornal político, literário e comercial de 1849, O Escolastico de 1849, O Governista de 1848, O Piauihy de 1869-1873, A Epoca: órgão conservador de 1878-1879). Esses jornais estão em uma temporalidade que compreende de 1848-1885 no Piauí.

A IMAGEM DO ESCRAVO NA IMPRENSA PIAUIENSE

A imprensa piauiense surgiu tardiamente, dado ao atraso e abandono em que encontrava a província. Composta por intelectuais egressos de longas jornadas de estudos fora do Piauí, se utilizavam dos jornais como forma de defesa dos interesses particulares de suas famílias, utilizando-se dos mesmos também como mecanismos de legitimação e divulgação para embates que aconteciam nos senários políticos. Segundo a jornalista Ana Regina Rêgo:

No Piauí do século XIX, cada família compunha um partido. Cada partido mantinha um jornal. Cada família ocupava considerável número de cadeiras nos espaços de poder e utilizava o jornal como apoio às posições adotadas. Assim, a imprensa configurava-se como uma tribuna aberta de discussões que, no caso dos monarquistas, raramente, chegavam ao debate ideológico, uma vez que possuíam características semelhantes e mantinham o discurso, em geral, pautado em disputas menores. (RÊGO, 2008, p. 14).

Sendo que cada família ocupava seu lugar na sociedade e no poder e se utilizava dos jornais como apoio aos seus posicionamentos. Os jornais tornavam-se espaços de discussões e disputas políticas. Podemos entender segundo a obra de Rêgo que, numa sociedade que somente uma pequena minoria tinha o acesso a instrução e a leitura, em boa medida, uma pequena elite,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

e isso se refletia não apenas na manipulação das informações, bem como, também especificava quem iria ou não ler. Esses jornais eram adquiridos por poucos que poderiam pagar por sua assinatura, sobretudo, porque demonstravam um sistema de triagem social, ou seja, quem deveria ou não estar informado, quem participava ou não da vida política da província. Demandava também certo símbolo de prestígio, quem o assinava. “Nota-se que o tema central de cada periódico era dado pelos interesses daqueles que escreviam” (SILVA, FRANCO, 2010, p. 2).

Nessa perspectiva, nada melhor do que utilizar o jornal, como mecanismo de veiculação de anúncios de escravos, tanto para negociações de compra e venda, como também de fugas, sendo o jornal um meio informativo público ou particular de ampla circulação. Sendo pois o escravo patrimônio valioso de seu senhor, que correspondia a um interesse particular e ao mesmo tempo público, e em boa medida, representava uma força motriz que movia a economia da província. E em outro momento também símbolo de poder.

Os anúncios correspondem uma importante fonte documental. Sejam eles extensos, sucintos ou as vezes tímidos. “Esses anúncios possuíam uma composição simples e semelhante: uma descrição das características físicas e algumas vezes comportamentais do escravizado, e o oferecimento de uma gratificação a quem encontrasse o “fujão”. (FERREIRA, 2010, 68). Ainda que grande parte os enunciados noticiavam fugas individuais, esporadicamente também noticiavam fugas envolvendo dois ou mais escravos. A exemplo temos os dois casos de fugas de escravos que residiam na província da Bahia, moradores na fazenda Bairro Alto, o escravo Pedro de propriedade do Sr. Luiz Carlos Bacellar e o escravo Bruno de propriedade do Sr. Manoel Antunes Pereira de Abreo Bacellar, sendo noticiados no Jornal “O Escholastico”, publicado na Tipografia Saquarema, na até então Capital Oeiras, em uma quarta-feira, do dia 3 de Outubro de 1849, na edição de nº 08:

Figura 1

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ANNUNCIOS.

Fugio a Luiz Carlos Bacellar, na fazenda Bairro alto da Villa de Pilão areado na Provincia da Bahia, um escravo de nome Pedro, mulato açá, cabellos algúma cousa pegados ao cascó, olhos gazeos, boca um tanto funda, peitos sahidos, estatura regular: era delgado do corpo, quando fugio, e ainda não tinha barba; terá de idade pouco mais ou menos 23 annos; tem sido bastante açoutado nas costas, e tem em uma das canellas, que são muito finas, uma cicatriz: os pés são grandes e malfeitos. He sapateiro, e entende tambem de boleiro: é muito prosista, e joga dinheiro. Fugio em 1846. Quem o apanhar e levar a seu Sr. receberá a gratificação de 150\$000.

— Fugiu a Manoel Antunes Pereira de Abreo Bacellar, morador na Fazenda Bairro alto, sita nas margens do Rio São Francisco na Prúvincia da Bahia, um escravo de nome Bruno, mulato alvo, baixo e grosso, pernas arqueadas, pés curtos e largos, cabellos pretos e anelados, com grande signal de confusão na cabeça, e de facadas no corpo, e tem sido açoutado. Tem pouca barba, e é doente dos escrotos por causa de erné ou quebradura; a falla é rouca, e gosta de bebedeiras e jogos: terá 40 annos de idade, pouco mais ou menos, e fugio em 1845. Quem o captar e levar ao seu dono será bem recompensado.

Oeiras do Piahy na Typ. Saquarema.
Impresso por Elias Soares da Gama.

Jornal: O Escholastico: 3 de Outubro de 1849. (Oeiras). Edição de Número 08.

Nos referidos anúncios, ambos os escravos residiam na mesma Fazenda, no entanto, de senhores diferentes, respectivamente de uma mesma família dado ao sobrenome Bacellar. No primeiro caso, o negro Pedro, de 23 anos, para além de suas características físicas, trazia no seu corpo marcas de açoites nas costas, e com uma cicatriz em uma das canelas, sendo este escravo sapateiro e boleiro. No segundo caso, agora o escravo de nome Bruno de 40 anos de idade, que para além de suas características físicas, carregava como marca da escravidão um grande sinal de contusão na cabeça e marcas de facadas e relho pelo corpo, deixando em destaque que deveria ter sido muito castigado. E também doente dos “escrotos” (testículos), motivado por uma hérnia ou quebradura.

Uma característica que aproxima ambos é o fato de serem adeptos a jogos, e no segundo caso, do escravo Bruno, deixa a destacar que gostava também de bebedeiras. Nos dois casos são oferecidos recompensas sendo que no primeiro caso, a recompensa é colocada em destaque no valor de 150\$000 rs. Pelas cicatrizes de relho que ambos carregavam no corpo, podemos assim entender, que não foi a primeira fuga, visto que, as fugas eram retribuídas com castigos de açoites e troncos, dentre outras formas, julgando a crueldade de cada senhor. Talvez o motivo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

dos açoites também se justificaria por conta da vida desordeira de jogos e bebedeiras que levavam.

Analisando as fugas e os motivos que as ocasionavam, a comercialização de escravos, as relações sociais entre senhor/escravo, podemos refletir como funcionava o comércio de escravos através dos jornais no Piauí, sobretudo, destacando suas perspectivas e particularidades em torno da escravidão, claro que tudo mantido dentro dos contornos da historiografia local e nacional. Visto ser primeiramente necessário uma compreensão partindo de uma conjuntura maior, para fazer-se melhor compreendida em um contexto mais reduzido.

Dentro dessa perspectiva pensamos os poderes exercidos entre dominador e dominado, onde o cativo era considerado uma mercadoria de mandos e desmandos, sendo utilizado a bel-prazer de seu senhor. Podendo ser essa mão de obra escrava vendida ou alugada. Segundo aborda Emília Viotti(1998) na sua obra intitulada “Da Senzala à Colônia”, argumenta-se que


O escravo era, além de tudo, mercadoria: mercadoria que, em caso de necessidade, podia ser vendida ou alugada, possuindo, assim, um duplo valor: valia o que produzia e valia como mercadoria. Além de quê, possuir escravos conferia ao indivíduo posição social. (COSTA, 1998, p. 72).

Destacamos que, em nosso objeto de pesquisa não localizamos apenas fugas de escravos da província do Piauí, no entanto, algumas vezes nos deparamos com anúncios de escravos vindos de outras Províncias como, por exemplo, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Ceará, Sergipe. Ou seja, províncias que perfaziam fronteiras com o Piauí. Através desses enunciados, pudemos pensar o grande esforço dispensado pelos senhores na busca de seu escravo fujão. Além do mais, na maioria das respectivas fugas, os senhores deixavam transparecer desconfiança sobre a possibilidade do cativo ter vindo para o Piauí, sobretudo, porque se essas fugas não partiam dessas outras províncias, provavelmente tinham a província do Piauí como destino, pelo menos provisório.

O anúncio registrado no jornal A Imprensa: periódico político de 1865-1885 e Órgão do Partido Liberal, do ano de 1869, na edição de nº 222, nos descreve a fuga de dois escravos, ambos residentes da mesma fazenda, um de nome Claro e o outro Theodorico, ambos residentes em S. Pedro, Município de São José dos Matões, província do Maranhão. O anúncio nos traz a seguinte descrição:

Figura 2

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fugição do abaixo assignado, morador no lugar S. Pedro, municipio d^o S. José dos Matões da provincia d^o Maranhão, dous escravos de nome Claro e Theodorico—com os signaes seguintes:

O primeiro mulato trigueiro, idade que representa ter 30 annos, testa pequena, beiços finos, com signal de um talho, que parte uma des sombrancelhas, um outro em forma de circulo pouco acima de um dos joelhos, e um caroço bem visivel acima do umbigo.

O outro de 24 annos de idade, côr preta, cabellos pegados, falta de dentes na frente pelo lado de cima, pés e mãos pequenos.

Quem pega-los e entrega-los ao Sr. major Olegario Ortis da Silva Rios—em Theresina, aos Srs. capitão Jeremias José da Silva Mello e tenente Firmino Correia de Lemos, em Oeiras, e o Sr. Manoel Thomas de Moura, em Caxias, será bem recompensado.

Previne-se que Claro fora visto no^o sitio do Sr. major João Ignacio d’Almeida, do municipio de S. Gonçalo, disendo ir para a cidade de Oeiras.

Theresina, 3 de novembro de 1869.

Pedro José de Moura

FONTE: Jornal: A Imprensa: Periódico Político: 6 de Novembro de 1869. (Theresina). Edição de Número 222.

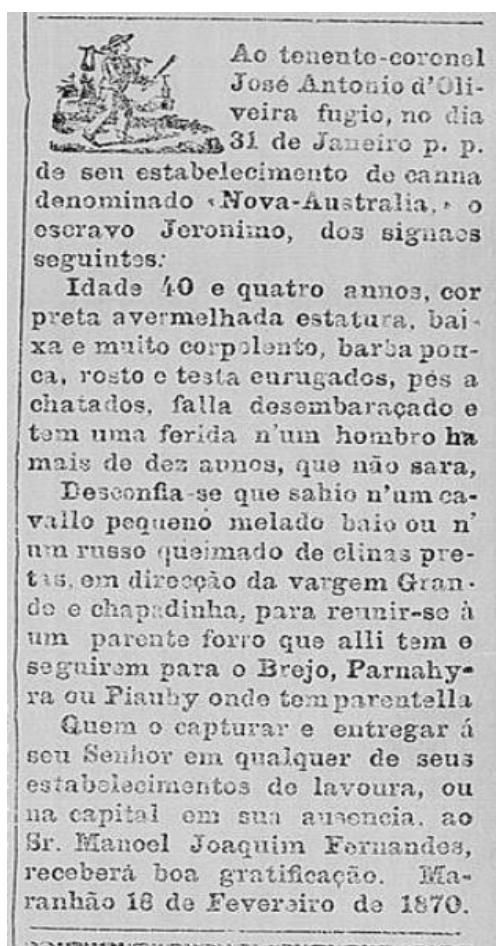
Era comum, escravos fugirem da província do Piauí para outras províncias, bem como, escravos de outras províncias serem noticiados em jornais piauienses, como no já citado anúncio acima. Muitos escravos fugiam por diversos motivos, que segundo Talyta Marjorie “[...] aproveitaram a morte do senhor para fugir, outros fugiam para se esconder de algum crime, para procurar um novo dono ou um padrinho que os ajudassem numa disputa com o seu senhor pela alforria” (SOUSA, 2014, p. 254). Como no caso acima, do escravo Claro, que fugiu do município de São José dos Matões, no Maranhão, e possivelmente teria sido visto no sitio do Sr. major João Ignacio D’Almeida, do município de S. Gonçalo, dizendo ir para cidade de Oeiras. Possivelmente sua estadia no sitio do Sr. major João Ignacio D’Almeida teria sido por motivo de procurar apadrinhamento, subsidio ou mesmo um novo senhor.

A opção em sair de Caxias, Maranhão, para o Piauí, se deve a proximidade das províncias, sobretudo, porque em uma outra província representaria uma nova vida, em alguns casos, uma outra identidade e uma vida de liberdade, ainda que fosse por pouco tempo, no caso de ser

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

recapturado. O Jornal “O Piauí: Órgão do Partido Conservador”, de 21 de Maio de 1870, na edição de nº 130, traz o seguinte anúncio:

Figura 3



FONTE: Jornal: O Piauí: 19 de Março de 1870. (Theresina). Edição de Número 130.

Levando em conta que os anúncios eram eficazes para o objetivo que lhes eram propostos, ou seja, se no caso fosse a fuga; a informação do negro e sua captura circulava em jornais de outras províncias, no intuito de fazer conhecido as características do negro onde quer que fosse, visto que, na maioria das vezes as recompensas soavam também como propostas tentadoras, que possibilitava ainda mais a captura.

Levando em consideração os maus tratos, os escravos se utilizavam da fuga como uma forma de resistência, reflexo da crueldade dos castigos. Esses periódicos ao mesmo tempo que funcionavam como espaços de representações da imagética do escravo, também funcionavam como ferramentas utilizadas pelos senhores para reaver seus fujões, para comercialização dos mesmos e, sobretudo, serviam como formas de denúncias de maus tratos, de castigos cruéis, de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021


reivindicação contra a escravidão, visto alguns serem de cunho abolicionista. No entanto, também abordavam crimes cometidos pelos negros. Alguns matavam seus senhores, outros fugiam levando roupas e utensílios de seus senhores, outros fugiam para os quilombos, vez ou outra formavam grupos com outros negros para assaltos nas estradas, até mesmo para adquirirem dinheiro suficiente para compra de sua liberdade. Dessa forma tornou-se corriqueira a fuga para as cidades, em busca de apadrinhamento com outros senhores mais benevolentes a sua situação.

Estudar escravos através de anúncios jornalísticos, é uma perspectiva ainda pouco explorado em nossa historiografia regional, talvez pelo fato de trazer como proposta de fonte, jornais, que em nosso caso, garimpados no acervo digital da Biblioteca Nacional, diferenciando-se de pesquisas convencionais, em arquivos públicos, certidões, dentre outras. A pesquisa sobre escravidão nessa modalidade, já vinha sendo pioneiramente trabalhada pelo Gilberto Freyre na obra “Escravos nos Anúncios de Jornais Brasileiros do século XIX” (2012), desde a primeira metade do século passado, sendo seguida por outros pesquisadores.

Através da necessidade de buscar dentro da historiografia, evidências, fragmentos de falas, rastros deixados através dos sinais representados nos anúncios, tivemos como inspiração para perceber tais nuances, na obra do Freyre (2012). Sendo ele um dos pioneiros, porque não, assim dizer, o primeiro no Brasil a pensar a temática, sobretudo, por que foi de grande valia para os trabalhos posteriores, por nos fazer pensar o anúncio de jornal enquanto proposta de se falar da escravidão negra sob um olhar particularizado das diversas representações multifacetadas do escravo africano e descendente de africano. A exemplo temos no dia 10 de Março de 1870 o jornal “O Piauí”, na edição de nº 125, abordando sobre a seguinte fuga:

Figura 4

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Evadio-se no dia 6 do corrente mez da fazenda—S. Benedicto—deste termo, o escravo Maximo, que tem os signaes seguintes: cor muito preta, sem barba, rosto meio quadrado, testa pequena, olhos vesgos, nariz chato, boca grande, boa destadura, queixo fino, voz fahosa, altura quasi regular, cheio do corpo, pes grandes e representa ter 30 e poucos annos de idade. Levou camizas de elephante ordinario ceroulas de algodãozinho e calças de riscado imitando a brim, surrão e rede.

Este escravo já tem estado por vezes trabalhando nesta cidade, onde mostrou desejos de ficar residindo, por isso é de crer que esteja por aqui mesmo escondido; no entre tanto, como pode ter tomado outro destino, roga-se e recommenda-se as autoridades policiaes desta provincia eda do Maranhão a sua captura.

Quem o pegar e entregar nesta cidade ao Sr. Antonio Gonçalves Pedreira Portellada, ou der delle noticia exacta, será devidamente remunerado.

Theresina 10 de março de 1870.

FONTE: Jornal: O Piauihy: 19 de Março de 1870. (Theresina). Edição de Número 125.

Na fuga do escravo Maximo do Sr. Antonio Gonçalves Pedreira Portellada, seu dono produz uma possível imagem do seu escravo na intensão de reavê-lo o quanto antes. Em quase todos os anúncios dos quais pesquisamos, e em especial este, o escravo vinha descrito na última página do jornal, ao lado de várias propagandas como de tipografias, remédios milagrosos, sapatos, chapéus, etc. Talvez também, olhando por outro ponto de vista, poderia ser uma forma do anunciante camuflar a informação visto a proximidade com a abolição. Segundo Freyre (2012), já no século XIX, com a abolição as portas, os anúncios foram se tornando cada vez mais tímidos e discretos. Nos periódicos analisados, quase sempre na última página, e geralmente no final da última coluna, com letras não tão mais chamativas, salvo em alguns casos cujo o valor da recompensa estava destacado em letras garrafais e negrito. De acordo com Freyre:

Anúncios que só vieram a desaparecer nos fins do século XIX, aos brilhos mais intensos da campanha abolicionista. Os de “negros novos” desapareceram, de certa altura em diante para o inglês não ver[...] Os negros fugidos foram-se sumindo aos poucos, escondendo-se nos cantos das páginas, encolhendo-se em tipo miúdo, perdendo seu antigo luxo de pormenores, de um realismo como não há igual em nossa literatura, deixando de aparecer com títulos em negrita, às vezes avivados pela figura – quase um borrão – de um negro com a trouxa às

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

costas, fugindo da casa do sinhô. Até que desapareceram de todo. Era a Abolição que se aproximava. (FREYRE, 2012, p. 56-57).

Neste último caso do escravo Maximo, é possível perceber segundo o anúncio, que o negro foge levando algumas peças de roupas como “camizas de elephante ordinario, ceroulas de algodãozinho e calsas de riscado imitando o brim”. Possivelmente para obter algum recurso com a venda, ou mesmo, para seu próprio uso. Segundo Lima, “Os homens raramente portavam camisas. Desde crianças usavam ceroulas ou calças” (LIMA, 2005, P 134). Lima faz menção dos trabalhadores escravizados das fazendas da Nação, logo entendemos que neste caso, a situação para escravos de fazendas particulares não era muito diferente, claro que, a situação de cada escravo na respectiva fazenda era específica, variando da personalidade do senhor.

Dessa maneira pensamos os enunciados, como espaços de relações entre senhor/escravo, percebendo e problematizando através dessas relações, estratégias e resistências que forjaram e condicionaram a escravidão na sociedade Piauiense escravagista de oitocentos, e a representação imagética do escravo nos jornais, partindo de suas características afirmadas, percebendo a partir do silêncio desses sujeitos, evidências deixadas através dos discursos em torno desses indivíduos. Tornando assim coerente perceber diferentes maneiras de resistência escrava no período, problematizando as múltiplas formas de castigos dispensados pelos senhores, e as disposições que partiam desses castigos com relação aos escravos.

Para pensar a escravidão através dos enunciados jornalísticos, foi necessário uma intensa e articulada busca de periódicos que abordassem o respectivo tema. A princípio, tivemos como inspiração, já bem ressaltado, a obra do Freyre (2012), que nos forneceu arcabouço teórico necessário para tratarmos da temática num recorte espacial mais reduzido, e tentar para além das temáticas levantadas por Freyre, forjar novas temáticas que abordassem outras perspectivas, outros por menores que só uma análise particularizada poderia perceber. Obras que para além de tratarem a escravidão na província do Piauí, pudessem propiciar ao tema um recuo na temporalidade e um abarcamento maior na espacialidade. Pois bem, a escravidão no Piauí é apenas um resultado, um efeito de um longo processo que tem início na África, mais precisamente na África central, escoando para a costa, já em um processo de compra e venda, seguido de uma longa travessia nas gélidas águas Atlânticas, até o desembarque em portos brasileiros e a subsequência de distribuição as regiões interioranas do Brasil.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Segundo Brandão, a escravidão já estava no cerne da população Piauiense desde meados do século XVIII, o escravismo tornou-se elemento fundamental na organização e formação da sociedade piauiense.

Com o crescimento da pecuária e desenvolvimento da sociedade, deu-se a consolidação do regime de trabalho escravo. Observa-se que durante o século XVIII o escravismo tornou-se elemento fundamental na organização social do Piauí. A escravidão não apenas compartimentava a população em dois grandes grupos, o de escravos e o de livres, mas também determinava o lócus social de cada pessoa conforme sua condição jurídico-social. (BRANDÃO, 2014, p. 171).

Nessa sociedade, possuir escravos era símbolo de status social, o escravo representava uma peça muito valiosa para o senhor da terra, logo desfazer-se dele em condições normais, estava fora de cogitação, muito embora, a troca e o aluguel de escravos representava parte daquele cotidiano, por ser uma possibilidade a mais do senhor angariar maior lucro. Segundo Carvalho:

Os "negros de ganho" (ou "ao ganho") mais rentáveis e da confiança do senhor por vezes moravam fora da residência senhorial, pagando o que lhes era exigido em prazos determinados, geralmente de uma semana. Havia proprietários que viviam dos seus negros de ganho e/ou de alugar seus cativos. Até as crianças eram aproveitadas em tarefas menos qualificadas, servindo de brinquedo para meninos da classe senhorial, como "moleque de recado" ou pajem. (CARVALHO, 2018, p. 164).

No contexto de escravidão que vigorou no Brasil, o Piauí sempre marcou presença nesse processo, o escravo era força motriz que contribuiu no desenvolvimento dessa e outras províncias. Nenhum senhor dono de escravo queria perder sua máquina de lucros, no entanto, as fugas amentavam à medida que a escravidão se intensificava. No século XIX, entra em cena os primeiros jornais, a partir daí, surge o anúncio como ferramenta elementar contra as fugas de escravos. Não eram esporádicos ver enunciados de fugas de escravos, sonhando a dita liberdade, sempre aventurando-se a sorte nas fugas, perfazendo-se assim uma forma de resistência ao sistema vigente. Segundo Sousa:

Os anúncios estavam sempre presentes nos jornais das principais cidades do Brasil no século XIX, como uma forma de vender produtos como roupas, sapatos, mobílias e remédios, sejam para anunciar prestação de serviços como barbeiros e médicos, e também como uma forma que os proprietários encontraram para noticiar que seus escravizados haviam escapado e, assim, fazer com que fossem reconhecidos e devolvidos, vendê-los de forma mais rápida, e oferecê-los para a prestação de algum serviço. (SOUSA, 2014, p. 240).

Os anúncios teriam que ter necessariamente critérios de verdade, ou seja, quando um senhor de escravo descrevia as características de seu cativo, teria que ter o cuidado de apresentar

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

todas as características peculiares do escravo, particularidades que só o negro tinha, até mesmo para não se confundir com outros anúncios. Dessa maneira a descrição vinha sempre endossada com elementos, tais como: cor, nome de batismo, idade, altura, defeitos físicos, e todas as características que facilitassem a identificação/localização dos mesmos. Nessa perspectiva Freyre afirma que:

Quem tinha seu escravo fugido e queria encontrá-lo precisava dar traços e sinais exatos. Os defeitos e vícios com todos os ff e rr. Os joelhos grossos ou “metidos pra dentro”. As pernas finas ou arqueadas. As cabeças puxadas para trás ou achatadas de lado. A Sapiranga. Os olhos encarnados dos cachaceiros. A boca troncha dos cachimbeiros. Nada de cores falsas. Fosse o anunciante embelezar a figura do fujão que era capaz de ficar sem ele para toda a vida. (FREYRE, 2012, p. 63).

Segundo Sousa:

Os anúncios de fuga são importantes como fontes primárias, pois expõem uma descrição minuciosa dos cativos. Os recursos linguísticos foram bastante utilizados para descrever e exaltar as características dos escravizados nos anúncios tanto de fuga quanto de venda. Todos os sinais e marcas que pudessem identificar o escravizado fugido eram descritos, os quais poderiam ser suas características físicas: cabra, alto, sinal visível de uma verruga, rosto comprido, mulato claro, bem parecido, grosso, não possui barba alguma, olhos grandes, cabeça pequena, um tanto ruivo, cabelo carapinhado, dentes limados, pés grandes, seco. A profissão: sapateiro, ferreiro, pedreiro, vaqueiro, carpina, marceneiros; seus vícios: andar mascando fumo, gosta de beber aguardente, jogar; e as doenças: cor amarelada por causa de uma hitirice que padece a tempos, cisura de panarício no dedo polegar de uma das mãos... (SOUSA, 2014, p. 247-248).

Segundo Freyre (2012), já em fins do século XIX, com a proximidade da abolição, os anúncios foram se tornando cada vez mais tímidos e discretos. Nos periódicos que analisamos, quase sempre na última página, e geralmente no final da última coluna, com letras não tão mais chamativas, e quase sempre ao lado de outros anúncios como propagandas de sapatos, roupas, remédios, casas de tipografias. Freyre aborda que, esses anúncios só desapareceriam no final do XIX, com intensas campanhas abolicionistas:

Anúncios que só vieram a desaparecer nos fins do século XIX, aos brilhos mais intensos da campanha abolicionista. Os de “negros novos” desapareceram, de certa altura em diante para o inglês não ver. Ao contrário de tudo o mais no Brasil – observaria um amigo meu, fértil em reparos brilhantes. Os negros fugidos foram-se sumindo aos poucos, escondendo-se nos cantos das páginas, encolhendo-se em tipo miúdo, perdendo seu antigo luxo de pormenores, de um realismo como não há igual em nossa literatura, deixando de aparecer com títulos em negrita, às vezes avivados pela figura – quase um borrão – de um

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

negro com a trouxa às costas, fugindo da casa do sinhô. Até que desapareceram de todo. Era a Abolição que se aproximava. Jornais que aderiam ao movimento emancipador e por escrúpulos, até então desconhecidos, de dignidade jornalística, recusavam-se a publicar anúncios de compra e venda de gente e sobretudo de fuga ou desaparecimento de escravos. (FREYRE, 2012, p. 56-57).

Um ponto a se destacar, era a forma pela qual o escravo estava sendo anunciado nos jornais. Os anúncios quase em sua totalidade vinham deslocados para a última folha dos jornais, sempre ao lado de propagandas logísticas e farmacêuticas. Em termos jurídicos o escravo era uma “coisa” desprovido de direitos, impedido de obter propriedade, ou qualquer outra obrigação, muito embora, para fins penais, era uma pessoa que poderia responder por seus atos criminosos, que por vezes demandava pena de morte. Segundo Mattos e Grinberg:

O paradoxo de os escravos serem, juridicamente, coisa e pessoa ao mesmo tempo persistiu durante toda a vigência da escravidão brasileira. De fato, segundo o direito colonial português, o escravo era considerado um bem semovente, definido em termos jurídicos como uma coisa, privado de direitos, impedido de possuir propriedade e incapaz de manter qualquer obrigação. No entanto, o mesmo corpus legislativo que permitia a um homem a posse e propriedade por outro, negava aos senhores o direito de vida e morte sobre seus escravos, punia aqueles que os castigavam em demasia, e considerava que o escravo devia responder pessoalmente pelos crimes que porventura viesse a cometer. Assim, no que se refere à lei penal, o escravo era uma pessoa, que tinha responsabilidades por seus atos. Por eles, podia ser levado à Justiça, ser julgado e condenado, bem como sofrer sanções diretas. (MATTOS, 2018, p. 171-172).

A escravidão no Brasil e respectivamente no Piauí, por vezes teve uma face de violência voltada para castigos, e redução do ser humano a condição de coisa, no entanto, essa representação imagética do cativo não era propriamente mérito do Brasil. O negro já vinha degradado e vítima dos maus tratos desde sua terra natal. Os navios negreiros que o digam, era uma verdadeira deturpação da natureza humana. Segundo Pimenta, “o território que hoje corresponde ao Brasil foi a porção do continente americano que recebeu o maior número de africanos escravizados ao longo de mais de três séculos de atividades negreiras transatlânticas”. (PIMENTA, 2018, P. 362). Além das viagens serem penosas e desumanas para tais indivíduos, a possibilidade de chegarem na costa brasileira com vida era bastante reduzida, sobretudo, por conta dos longos períodos que passavam navegando no atlântico. Jaime Rodrigues (2018) que nos diga, ao citar Johann Moritz Rugendas, pintor alemão que viajou o Brasil na primeira metade do século XIX, as condições de viagens da África para o Brasil eram penosas para os cativos, que por vezes morriam aos montes, visto as terríveis condições da viagem:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

De acordo com Rugendas, os escravos eram "amontoados num compartimento cuja altura raramente ultrapassa cinco pés [1,5 metro]. Esse cárcere ocupa todo o comprimento e a largura do porão do navio: aí são eles reunidos em número de duzentos a trezentos [...]. As mais das vezes as paredes comportam, a meia altura, uma espécie de prateleira de madeira sobre a qual jaz uma segunda camada de corpos humanos. Todos, principalmente nos primeiros tempos da travessia, têm algemas nos pés e nas mãos e são presos uns aos outros por uma comprida corrente. Navios negreiros podiam transportar de cem a seiscentas pessoas, conforme suas capacidades e tipologias. A superlotação e as condições insalubres dos porões, aliadas à dieta e à água racionadas a bordo, ajudam a entender a mortalidade dos africanos durante a travessia, que poderia durar entre um e dois meses e levar à morte até um quarto dos embarcados. De modo geral, tomando-se Luanda como ponto de partida, a travessia até Recife durava 35 dias; até a Bahia, quarenta dias; e até o Rio de Janeiro, sessenta dias. A isso podiam se somar as calmarias, as quarentenas motivadas por epidemias a bordo ou as paradas para reabastecimento. (RODRIGUES, 2018, p. 365-367).

É importante perceber que para além das terríveis condições das viagens nos negreiros, os africanos estavam por vezes vulneráveis a diversas doenças que solapavam suas vidas. Com a proximidade da abolição, os navios negreiros, passaram a vim cada vez mais abarrotados de negros. Isso nos propõe pensarmos que já na segunda metade do século XIX, as viagens da África para o Brasil se tornaram insuportáveis para os africanos, sobretudo, por ser necessário trazer a maior quantidade que se pudesse trazer, pois o tráfico negreiro estava com seus dias contados. Naturalmente somado a isso, as doenças tornaram-se males epidêmicos, dificultando excessivamente a travessia do Atlântico. Doenças que perpetuavam-se e se intensificavam com os maus tratos nas fazendas e engenhos do Brasil. Segundo Pimenta (2018), as doenças eram por vezes agravadas pela má alimentação, somado aos trabalhos árduos e aos castigos que por vezes eram costumeiros no contexto da escravidão:

Entre os males que mais atingiam os escravizados, destacavam-se a tuberculose, a disenteria, a varíola, a coqueluche, o sarampo e a escarlatina. Gastroenterite, enterite e pneumonia também eram frequentes, do mesmo modo que os problemas causados por vermes e parasitas intestinais. Comumente, essas doenças eram agravadas por carências nutricionais, assim como pelo trabalho extenuante e pelos castigos aos quais eles poderiam estar submetidos. (PIMENTA, 2018, p. 204).

Para além das precariedades das viagens, as doenças, podemos perceber as dificuldades de trazer um africano ou mesmo vários do porto Baiano para as diversas freguesias do Piauí, e entre elas a própria capital que até a primeira metade do oitocentos teve sua sede em Oeiras. Segundo Lima (2018), nesse período havia uma grande dificuldade de navegabilidade dos rios do Piauí, sobretudo, o Parnaíba, dessa maneira, a forma mais viável seria fazer o trajeto a pé,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

caminhos que foram se firmando e moldando nosso território. As viagens por vezes eram perigosas, e requeriam maior esforço dos indivíduos:

Dificuldades de navegabilidade em rios, como o Parnaíba e seus afluentes, que colocavam em comunicação grande área do sertão piauiense, fortaleceram, por meio do chão firme, um mecanismo de reafirmação territorial circunscrita aos caminhos do gado. Uma viagem, ao passo dos animais, de Salvador a Oeiras durava cerca de quarenta dias, e nesta, animais e homens estavam sujeitos aos mais variados perigos. Eram habituais os ataques de onças, cobras, insetos variados e a fome. (LIMA, 2018, p. 318).

Depois de todo difícil trajeto pelo qual teria que passar o escravo até chegar em solo Piauiense, era de se pensar que o pior já havia passado, no entanto, apenas começava, pois que, depois de ser capturado em sua terra mãe, ser preso, vendido, ter que atravessar o atlântico sob condições desumanas, iria agora o escravo depois de ser distribuído nas diversas províncias do Brasil, chegar ao Piauí. No Piauí, os relatos de violências sofridas pelos negros são inúmeros, logo, as fugas eram inevitáveis. Segundo Sousa:

Os senhores eram protegidos pela legislação que permitia castigos, penas e maus tratos ao escravizado, mas muitas vezes extrapolavam esse direito de castigá-los. Os castigos poderiam ser: ir para o tronco e ser chicoteado, ser preso a correntes de ferro, obrigados a usar gargalheiras [colar de ferro], máscaras de flandres [uma máscara usada como punição para os casos de alcoolismo e furto de alimentos e diamantes. Esta máscara poderia ser de vários modelos, em um deles havia três furos apenas para olhar e respirar, sendo trancado com um cadeado atrás da cabeça e, em outros, cobria apenas a boca, impedindo que o negro se alimentasse de terra visando o suicídio como forma de resistência à escravidão,]. (SOUSA, 2014, p. 251).

Nos enunciados jornalísticos por nós trabalhados, são inúmeros os registros de marcas, cicatrizes, mutilações, anomalias, doenças, que são por vezes descritos em detalhes pormenores. Muito embora, nem sempre as marcas deixadas no corpo dos negros demandavam de castigos físicos, por vezes eram marcas tribais que os identificavam a sua nação de origem, entretanto, a grande maioria das deformidades físicas eram retratos de castigos e maus tratos. E como forma de resistência, o escravo na maioria das vezes se punha a fugir das fazendas, a procurar apadrinhamento com outros senhores e mesmo a denunciar os maus tratos as autoridades. Outros contentavam-se a vingança contra seus algozes. Esse talvez seja um retrato da escravidão no Piauí oitocentista, que por vezes tende a assemelhar-se ao contexto escravagista instalado em algumas províncias do Brasil, mas que, para cada contexto, para cada trato, para cada cenário existia uma forma peculiar de relação senhor/escravo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

FONTES HEMEROGRÁFICAS

Jornal: A Imprensa: Periódico Político 1865-1885. (Teresina).

Jornal: A Opinião Conservadora: 1874-1876. (Teresina).

Jornal: A Voz da Verdade: Jornal Político, Literário e Comercial 1849. (Oeiras).

Jornal: O Escolastico: 1849. (Oeiras).

Jornal: O Governista: 1848. (Oeiras).

Jornal: O Piauí: 1869-1873. (Teresina).

Jornal: A Epoca: Órgão Conservador 1878-1879. (Teresina).

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Tanya. Para Além dos Engenhos: A Escravidão na Colonização do Piauí. In.: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.) *Escravidão negra no Piauí e temas conexos*. Teresina: EDUFPI, 2014.

CHAVES, Monsenhor. *Obra Completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

CARVALHO, Marcus J.M. de. Cidades escravistas. In.: SCHWARCZ, Lilia M., GOMES, Flávio (Org.) *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. Companhia das letras. 2018.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Senzala à Colônia*. 4. Ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

FERREIRA, Heloisa Souza. Dando voz aos anúncios: os escravos nos registros de jornais capixabas (1849-1888). *Temporalidades – Revista discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG*, vol. 2, nº 2, agosto/dezembro de 2010.

FREYRE, Gilberto. *Escravos nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*. 1ª edição digital. São Paulo: Global Editora, 2012.

Jornal: A Imprensa: Periódico Político: 6 de Novembro de 1869. (Teresina). Edição de Número 222.

Jornal: O Escolastico: 3 de Outubro de 1849. (Oeiras). Edição de Número 08.

Jornal: O Piauí: 19 de Março de 1870. (Teresina). Edição de Número 125, 130.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

LIMA, Solimar Oliveira. O Piauí, os negros escravizados e outras mercadorias no processo de controle português dos sertões nordestinos e do norte do Brasil (séc. XVII - séc. XVIII). In.: LIMA, Solimar de Oliveira, SILVA, Rodrigo Caetano (Org.) Norte ao sul: escravidão do Brasil séc. XVI – séc. XIX. Teresina: EDUFPI, 2018.

MATTOS, Hebe, GRINBERG, Keila. Código Penal Escravista e Estado. In.: SCHWARCZ, Lília M., GOMES, Flávio (Org.) *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. Companhia das letras. 2018.

PIMENTA, Tânia Salgado. Doenças. In.: SCHWARCZ, Lília M., GOMES, Flávio (Org.) *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. Companhia das letras. 2018.

RÊGO, Ana Regina. Imprensa Piauiense - Entre a Literatura e a Política - VI Congresso Nacional de História da Mídia. Niterói-RJ, 2008.

RODRIGUES, Jaime. Navio Negreiro. In.: SCHWARCZ, Lília M., GOMES, Flávio (Org.) *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. Companhia das letras. 2018.

SILVA, FRANCO, Márcia Pereira da, Gilmar Yoshihara. IMPRENSA E POLÍTICA NO BRASIL: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. Revista História em Reflexão: Vol. 4 n. 8 – UFGD - Dourados jul/dez 2010.

SOUSA, Talyta Marjorie Lira. História e Memória da População Negra: Os Escravos nos Anúncios de Jornais Teresinenses no Século XIX. In.: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.) *Escravidão negra no Piauí e temas conexos*. Teresina: EDUFPI, 2014.